

A Confederação Geral do Trabalho perante a questão dos tabacos

O Conselho Confederal apreciou e aprovou, na sua reunião de ontem, o parecer que a seguir publicamos na íntegra:

A Confederação Geral do Trabalho, chamada pelas circunstâncias a pronunciar-se sobre a questão dos tabacos, integrada na sua qualidade de organismo expoente máximo da luta de classes e propulsor das massas oprimidas para a sua emancipação e advento dum estado social perfeito e equitativo, em que os seres irmanamente gosem as primícias dum a vida de harmonia e beleza, pronuncia-sobre a referida questão, encarando-a sob três dos seus aspectos que julga os mais importantes:

1.º A indústria dos tabacos, como sucede com outras indústrias nocivas para a integridade física e moral da humanidade, representa a exploração organizada pelas sociedades contemporâneas de um vício que a previsão sociológica nos diz que será banido e com cujo desaparecimento cessará a existência da classe que hoje serve essa indústria. Por esse motivo e ainda porque, enquanto perdurar, essa indústria está sujeita às arremedias do progresso, que impõem novos sistemas de fabrico mecânico e novas modalidades de exploração que, inelutavelmente, hão-de conduzir a um desperdício ou dispenso do esforço humano, a Confederação Geral do Trabalho advoga a restrição de admissão de novos operários para essa indústria, como forma de evitar prejuízos futuros.

2.º A Confederação Geral do Trabalho, organismo coordenador de toda a ação do proletariado no sentido da expropriação de todos os meios de produção e consumo, combate e combatrá em globo a sociedade capitalista e todos os seus sistemas exploratórios até à sua desaparição. Assim, considerando o regime burguês-capitalista incompetente de estabelecer um equilíbrio entre os interesses do indivíduo e da sua dupla qualidade de produtor e consumidor, a Confederação Geral do Trabalho, ao mesmo tempo que reconhece a todas as classes de produtores uteis o direito de reivindicarem consecutivamente uma situação

melhor, reconhece também aos consumidores o direito de se defenderem da exploração dos que negoceiam o esforço alheio, devendo a ação dos produtores e consumidores ser conduzida no sentido de enfraquecer a capacidade directiva do capitalismo pela captação em proveito comum da grande parte do esforço do trabalho que é capitalista e arrecada.

3.º Colocada a questão dos tabacos sobre os três pilares exploratórios: monopólio, *regie* e liberdade de indústria, a Confederação Geral do Trabalho, como ponto de vista seu e único defensável em todas as emergências, só pode defender a expropriação das fábricas pelos operários. Mas, considerando que em regime burguês a expropriação de uma fábrica ou grupo de fábricas dumha indústria não é factível e muito menos seria perdurable, e por consequência que só a Revolução Social expropriaria globalmente a burguesia entregando a posse de tudo aos trabalhadores, a Confederação Geral do Trabalho marca a sua neutralidade em face dos três regimes de exploração dos tabacos por os considerar assim:

Monopólio: - O monopólio é a centralização de uma indústria nas mãos de uma empresa concessionária do Estado cuja fiscalização se limita a assegurar para manutenção dos seus corpos improdutivos uma parte máxima dos lucros, com absoluto desrespeito pelos interesses dos operários da indústria monopolizada e dos consumidores. Assim, o monopólio cessante dos tabacos, nos seus 35 anos de existência, serviu emriquecer uma camarilha monopolista e a dar ao Estado grossa fatia de lucros, tudo arrancado ao esforço constante, à intoxicação e tuberculose permanentes de alguns milhares de operários, à especulação e encargos patais com a importação de tabacos estrangeiros e à condescendência dos consumidores que, mal, esboçando gestos de defesa — que nunca foram além dum

pretensa escusa ao consumo daquele artigo — se sujeitaram sempre à substituição das marcas de tabaco de preços mais acessíveis por outras muito mais caras e a consecutivos e desproporcionais aumentos de preços em todas as marcas antigas e modernas.

Da manutenção das regalias conferidas pelo regime que precedeu o monopólio, o esforço ingente expedito por essa classe, através de muitos anos e em lutas contra a companhia monopolista e o Estado — patrões supremos — lutas das quais a última teve como resultado a demissão em globo do pessoal considerado contratado — parte dele com mais de 30 anos de actividade — e depois a readmissão em situação deprimida com a sua remissão em situação deprimida com a sua remissão, sem motivo justificado, de alguns operários de ambos sexos.

Regie: - A *regie* corresponde à monopolização de uma indústria por conta do Estado. É o Estado patrão que, dispensando o intermediário concessionário, capta para uso seu, para sustento dos seus únicos, os lucros que o monopólio particular arrecada.

Dir-se-ia que o Estado, senhor de mais 20.000 contos por ano — tanto foi o lucro que o monopólio acusou como sua parte de receita do último ano económico — poderia beneficiar o consumidor, senão no preço pelo menos na qualidade do artigo e assegurar ou até mesmo beneficiar as regalias do pessoal daquela indústria. Sabe-se, porém, pelas lições da experiência, o que é a administração do Estado.

A *regie* do Estado tenderá unicamente a servir a cupides das camarilhas políticas. Da forma como o Estado curará das regalias dos operários dos tabacos di-lo a proposta que ora se discute no Parlamento. Ela não confere direitos novos, ante pelo contrário fecha pesada e abruptamente a porta a justas pretensões dos operários.

Segundo essa proposta, o antigo pessoal

dos tabacos, parte dele com 60, 70 e mais anos de serviço, fica reduzido a uma irrisória reforma de 5 escudos por dia. O chamado pessoal extraordinário — parte dele com mais de 30 anos de serviço — fica em situação contratual, sujeito a ser dispensado do serviço se as necessidades da indústria assim o permitirem...

Só por um lamentável êrro de visão, habilmente explorado por alguns políticos de pacotilha, o pessoal dos tabacos poderá terceirizar armas pela *regie* que o governo actual propõe. Inspira-se essa classe nesse regime de *regie* que precedeu o monopólio que cessou em 1 de Maio, *regie* que tende à frente Oliveira Martins lhe aceitou pontos de vista seus, reconhecendo-lhe direitos justos? Mas os tempos rolam sobre os homens e os factos. A *regie* de hoje não será sequer respeitada da *regie* de ontem e o certo que entre si os industriais estabelecerão *trusts* que conduzirão ao pior dos monopólios. Sirva de exemplo o que sucedeu com a questão dos fósforos. Os tabacos serão piores e mais caros. No que respeita aos operários, a sua situação, por mais paradoxal que isso pareça, será muito semelhante à que lhe destina a *regie*. O pessoal antigo é o Estado obrigado a manter-lo; enquanto que o pessoal extraordinário — parte dele já velho e inadaptável a outras profissões — fica sujeito a selecções e na contingência de se ver a braços com a miséria. Com o regime de liberdade de indústria virá a liberdade de importação de tabacos estrangeiros, sonho dojado de alguns dos que defendem este sistema. Uma coisa e outra conjugadas consideram-nos nós atentados dos interesses do público consumidor e dos produtores da indústria dos tabacos.

A liberdade de indústria corresponde à liberdade de exploração concedida a várias entidades particulares, mas sempre sob a égide do Estado. A liberdade de indústria dos tabacos já existiu, também, segundo resa a história, com prejuízo dos produtores e consumidores. A livre concorrência foi nesse tempo perniciosa e hoje tudo nos faz prever que não será melhor; antes pelo contrário, se atendermos às proporções especulativas de que o capitalismo enferma, facilmente deduziremos que a indústria disseminada trará fatalmente os resultados seguintes:

a) Os novos industriais acaossados pelo Estado — que já hoje afirma, pela bôcas dos defensores da liberdade de indústria querer arrancar à indústria lucros muito superiores aos 80.000 contos que o último ano económico lhe concedeu — estabelecerão entre si a concorrência, não no sentido de beneficiar o consumidor que ficará sujeito a falsificações, mas no sentido de satisfazer as exigências do Estado e as suas próprias

peculiosidades.

3.º A Confederação Geral do Trabalho manifesta o seu desgosto pelas manifestações produzidas por parte do pessoal dos tabacos, de apoio a um governo que mente quando afirma defender os interesses dos operários. Abre o mesmo tempo que não só menospreza esses direitos na lei do novo regime em discussão, como comete a desmandade de manter as fábricas em labirintos para satisfazer as respectivas férias.

2.º A Confederação Geral do Trabalho, considerando legítimo que o pessoal dos tabacos continuem a pugnar por todos os direitos adquiridos dentro das fábricas, pela unificação de todos os operários com iguais prerrogativas na indústria em que laboram, pela garantia aos canais e inválidos dum subvenção que lhes permita viverem tranquilos no curto período da velhice, pela readmissão de todos os operários e operárias que, por represalia da ultima greve, foram demitidos, e por todas as reivindicações justas que esta classe apresente — oferece-lhe todo o seu franco e decidido apoio, desde que a sua ação, inspirada na luta de classes, se desenvolva à margem de todas as influências interesses das facções políticas.

3.º A Confederação Geral do Trabalho, não descurando os interesses dos consumidores, afirma a sua disposição de auxiliar todos os movimentos que tendam a evitar, por parte do Estado ou indústrias particulares, novos acréscimos de preço dos gêneros, ainda que com o pretexto falso de originados pela concessão de regalias operárias.

O Comitê Confederal

PROBLEMA INSOLUVEL

Uma viagem por estradas algarvias mais acidentada do que uma escalada a uma montanha marroquina

(Do nosso enviado especial ao Algarve)

FARO, 18. — Há um problema em Portugal que por mais que a imprensa se esforce em agitá-lo não merece dos poderes públicos a devida consideração — é o problema das estradas.

Do norte ao sul do país as estradas são pouco mais de que veredas sinuosas, do que caminhos tortuosos por onde não se pode passar, mas por onde se é obrigado a transitar por não haver outro recurso...

Não há muitas dias ainda, nas colunas do nosso jornal fizemos passar, como pelúcia no *erário*, o estado ruinoso em que se encontra a estrada que liga São Mamede a Peniche. E todavia esta vila é essencialmente industrial, e todavia Peniche entrega ao Estado, só em contribuições, o melhor de 500 contos anuais!

só a pericia do nosso clássico boleiro evita que mergulhemos...

Poderíamos enegrecer os cambiantes da nossa odiseia fazendo mense de mais factos reais para provarmos as nossas afirmações que abrem esta crónica. Mas para quê? Acaso não é conhecido de todos os que têm viajado por estradas o estado miserável em que estas se encontram? Não é de sobejo conhecido que em Portugal não há estradas?

Infelizmente essa esmagadora verdade é conhecida por nós todos. O que ainda é desconhecido por muita gente é que pela estrada que acabamos de percorrer têm que passar os enfermos que vão para o Sanatório Vasconcelos. E todavia esta vila é essencialmente industrial, e todavia Peniche entrega ao Estado, só em contribuições, o melhor de 500 contos anuais!

O que é ignorado ainda por muitas almas

Notas & Comentários

O patriotismo dos ricos

Escreve-nos Maria Inácia Cardoso, costureira, chamando a nossa atenção para a crise de trabalho que a sua classe atravessa agora. Alegam os donos dos "ateliers" que falta de trabalho provém do facto da valorização do escudo permitir às pessoas ricas e elegantes mandarem fazer os vestidos no estrangeiro, poupança dinheiro e desrespeito a mão de obra nacional. Comenta D. Maria Cardoso que não compreende o patriotismo dos ricos, visto que é deles não os leva a preferir a mão de obra portuguesa...

Uma biblioteca

Comunica-nos o nosso estimado correspondente de Sines que a Sociedade Recreativa Operária Sinesense inaugurou uma biblioteca na sua sede. Registamos o facto com enorme prazer, apontando-o como exemplo a seguir pelas colectividades congêneres. Fazendo-nos eco do entusiasmo e dos bons desejos do nosso preso correspondente, daqui incitamos a modicidade trabalhadora da laboriosa vila a frequentar a biblioteca estudando e educando o seu espírito.

Uma data

Fez ontem trinta anos que seguiu para Moçambique e para Timor a primeira leva dos deportados da lei de 13 de Fevereiro, dos 260 que foram presos à ordem de João Franco. Eram 24 operários, dos quais hoje poucos restam e alguns por lá ficaram para sempre. Este crime perpetrado no tempo da Monarquia ainda hoje é recordado com revolta. A República que prometeu justiça e liberdade faz deportações sem ao menos recorrer à infâmia mais airosa de inventar uma lei que as proteja.

Um desastre de aviação

LONDRES, 18. — No campo do Andover caiu um avião militar, morrendo dois oficiais que o tripulavam. — (P.)

O acordo germano-português

BERLIM, 17. — A comissão comercial do Reichstag aprovou o acordo comercial germano-português. — (H.)

A guerra de Marrocos

Os rifenhos preparam-se

FEZ, 18. — Reina a calma em todo o front. O inimigo organiza os centros de resistência nas regiões montanhosas. As tropas francesas prosseguem activamente a organização das posições conquistadas, na previsão de proximas e importantes operações. — (P.)

A contra-ofensiva rifinha

LONDRES, 18. — Segundo «The Times», em telegrama de Marrocos, as tribus submissas de Audjara atacaram as tropas espanholas pela retaguarda, depois de terem assassinado o «chelik» que mantinha relações de amizade com os espanhóis, lançando fogo à povoaçao.

O mesmo despacho acrescenta que Abd-el-Krim iniciou a contra-ofensiva. — (L.)

A luta prossegue

BERLIM, 18. — Os jornais de Varsóvia dizem que o sr. Haller formou em Poznan um contra-governo. Destacamentos dos dois partidos, segundo as mesmas informações, encontraram-se na região de Kalisz, havendo mortos e feridos. — (H.)

Uma bomba em Buenos-Aires

BUENOS-AIRES, 17. — Explodiu uma bomba em frente da embaixada dos Estados Unidos. Os estragos foram apenas materiais, não fazendo qualquer vítima. — (H.)

A política da unidade, zelando interesses partidários e pessoais, apenas reforça a existência do capitalismo

Consoante se pretenda a unidade ou a união, segue-sa uma política diversa.

Quando se quer a unidade procura-se, evidentemente, atrair o maior número de adeptos, para que o inimigo não os possa captar nem com elos reforçar os sustentáculos do capitalismo. Torna-se impossível, no entanto, afastá-los de se encontrarem — dos agrupamentos mais próximos do seu ideal. Neste ponto persiste uma propaganda que, por vezes, é de super-valor, de ataques verbais freqüentes, mais ou menos violentas, a tática e aos *leaders* dos grupos, aos quais se procura furtar os filhados e os simpatizantes, a-fim-de os atrair a si. O objectivo ideal — substituir a sociedade capitalista por uma outra socialista — dá lugar a um objectivo diferente, secundário — tirar aos seus vizinhos o máximo de forças. O exército capitalista observa os seus inimigos, que se batem entre si.

Há um espécie desta política, principalmente na propaganda do partido comunista. A política do partido socialista consiste, sobretudo, por um lado, em defender os ataques da propaganda comunista, por outro, em sustentar uma política de colaboração de classes, ora procurando que sejam eleitos os seus parlamentares, ora guardando a sua abstenção. Baldadamente se procura no actual partido socialista uma activa propaganda contra a organização capitalista. E o partido comunista, esquecendo o capitalismo, distrai uma grande parte das suas forças contra os agrupamentos sociais.

A política da unidade é cheia de paixões fatais, e muito fácil de praticar, visto que satisfaçõe os apetites pessoais. É a política de *tira-te de lá para que lá me ponha eu*. No mesmo ambiente vivem socialistas e comunistas. Cada *leader*, perdendo de vista o seu elevado ideal, não ve que os aplausos, os louvores, as horas e os amplexos assemelham-se de maneira estranha aos estrangulamentos, os beijos são mordeduras. O adversário, o inimigo deixou de ser o capitalista: é o socialista ou o comunista, o amigo ou o vizinho.

Os homens são os homens, não são santo, e para se transformar o mundo são necessários os homens e não os santos. A política da unidade, a-pesar-das suas pessimas consequências, não terá considerável gravidade se ela se não tornar uma deformação do ideal. Cada partido, cada chefe, têm alterado as concepções a feição dos seus interesses e tais interesses levam-nos a expulsar o vizinho da grande família socialista.

Também se viu, e se vê ainda, que militantes socialistas ingênuos — por princípio, suponho sempre que há boa fé nos homens, até prova em contrário, e gosto mais de acreditar na estupidez dos homens que na sua desonestade — ve-se ainda, dizia eu, que militantes socialistas, discursando no parlamento ou escrevendo nos jornais, fazem longas e violentas diatribes contra o regime bolchevista, ao qual se atribuem, a-pesar-das suas fases diversas, a implantação de formas socialistas numa população que conta mais de cem milhões de seres. Vêem-se militantes comunistas contestarem a qualidade de socialistas a militantes que outro crime não cometem que o de ter uma opinião diferente da dos comunistas.

En quanto isto se dá, nota-se que os capitalistas se aperfeiam as mãos, contentes da divergência socialista. E o povo, o homem da rua, desinteressa-se destas lutas e abandona-se sem resistência à sua exploração pelos capitalistas. Felizmente para o progresso humano, elas debatem-se tão aparentemente

...

...

Os operários de Aljustrel, em constante risco de vida, são achincalhados na sua dignidade

ALJUSTREL, 17. — O ambiente de terror que se sucede à luta heróica dos mineiros de Aljustrel não se dissipou ainda. Dir-se-ia que esta laboriosa vila alentejana retrogradou até aos tempos medievais, em que o senhor feudal — a Empresa belga exploradora das minas — tem direito de vida e de morte sobre os escravos do sub-solo e os tiraniza sem atenção nenhuma pelas prerrogativas conquistadas pela evolução.

Na mira de arrecadar o máximo, dispensando o mínimo, à Empresa não importa o perigo que corre os pobres mineiros. Estes, sempre que se somem no neegrume da terra, fazem-no na incerteza de regressar à luz do dia e ao conchego dos seus pobres lares. Os escoramentos das minas são uma miséria, por não sofrerem a conveniente substituição. Galerias há quase por completo entulhadas e especiativamente os mais graves desastres. Ainda há dias uma derrocada por pouco não arrancava a vida a um mineiro, que ainda assim ficou muito maltratado, jazendo de cama.

Mas, perguntar-se-há, o governo não fiscaliza essas cousas? Parece que sim, ou antes, devia fiscalizar. Mas, se em Aljustrel existe fiscal do governo não é da sinal de si, ou por comodismo ou então porque rende homenagem à sr.ª Empresa.

O despotismo da Empresa das minas está actualmente personificado num chefe de escritório belga, chamado Körbörge, uma espécie de *factotum* do administrador que, triunfando como em país conquistado e fazendo alarde da sua incompetência e levianidade que lhe são peculiares, despede, readmite e transfere operários dumas secções para as outras sem atenção nenhuma pelas suas aptidões profissionais. Ultimamente, deu-se esse despotismo ao luxo canalha de constituir um corpo de espíos do pessoal, recrutando para tal efeito alguns farroupas humanos que se presentam a tão ignobil papel.

E como nas oficinas da mina exista de há muito tempo um antigo operário que, muito competentemente e a contento do pessoal, desempenha a função de mestre das referidas oficinas, o tal Körbörge tem procurado influir no espírito do administrador para que demita aquele que tem cometido o grande delito de, sem descurar os interesses da Empresa, ter mantido a mais absoluta harmonia entre os seus colegas.

A pesar de tudo, não é fácil atingir os fins a que visa o belga Körbörge, com as suas odiosas perseguições. Entretanto, bom será que os organismos operários de Aljustrel se vão prevenindo para enfrentar qualquer surpresa que porventura surja.

Vale bem mais prevenir... — E.

ASSISTÊNCIA INFANTIL

maugusta-se, no próximo mês, a época balnear na praia da Cruz Quebrada

O vereador do pelourinho de assistência sr. Alexandre Ferreira espera levar este ano a tomar banho na colónia balnear da Cruz Quebrada cerca de 10.000 crianças.

Pelos médicos escolares e municipais está sendo feita com actividade a inspecção às criancinhas a fim de se verificar quais as que necessitam tomar banho, atendendo-se não só ao seu estado físico como à sua situação económica. Os banhos devem começar a ser ministrados no próximo mês sendo como nos anos anteriores concedidos transportes gratuitos às criancinhas e bem assim fornecidos fatos, refeições, etc.

Começaram já afluindo donativos para a benemérita obra de assistência feita pelo sr. Alexandre Ferreira, que tem recebido os mais entusiásticos elogios.

O referido vereador recebeu ontem os seguidos donativos:

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, 6.000\$00; Companhia da Zambezia, 500\$00; Junta da Freguesia de Belem, 500\$00; Companhia Aliança Seguradora, 250\$00; Parceria dos Vapores Lisboenses, 200\$00; Companhia de Seguros Pátria, 150\$00; Sociedade de Agricultura Colonial, 100\$00; Companhia de Seguros «A Nacional», 100\$00; Companhia de Seguros «Tagus», 100\$00; Empresa Cerâmica de Lisboa, 50\$000; Companhia Nacional de Navegação, 50\$000; Companhia Ilha do Príncipe, 50\$000; Companhia de Seguros, 20\$000.

De António Avelar, duas camisolas, 50 tabuletes de chocolate; António Lopes Júnior, 10 quilos de açúcar e 10 quilos de arroz; Virgílio de Carvalho, 2 peças de chita; A. S. Correia, Limitada, 3 blusas, 3 calcões e 3 gorras de malha; Nunes de Carvalho, uma peça de riscado.

TEATRO APOLÓ

Emp. Ruas — Telef. N. 4929

HOJE
O sensacional drama

Amor de Perdição

Nos primaciais papéis os artistas
IRENE GOMES,
RAFAEL MARQUES
e PALMIRA TORRES

**DIA 27: Festa artística de
RAFAEL MARQUES com o
OTELO**

TEATRO AVENIDA

Telef. N. 4356
COMPANHIA SATANELA - AMARANTE
Todas as noites o célebre

PÃO DE LÓ
com o FADO DO SOLDADO

4 de Junho — Inauguração da Epoca de Verão com o vau de E. Rodrigues, F. Bermudes e João Bastos

O DR. DA MULA RUÇA

tem por fim vigiar a saúde da humanidade, perante tão grande monstruosidade que se prepara?

Os homens da liga internacional anti-proibicionista cujas fortunas fabulosas assentam sobre o sofrimento de milhões de seres são o espectro tenebroso de mais uma calamidade que paira sobre a população mundial, e que nôs devemos incessantemente combater.

Lion de CASTRO.

IV Congresso dos Alunos das Escolas Técnicas de Portugal

A Comissão Organizadora do IV Congresso dos Alunos das Escolas Industriais, Comerciais, Preparatórias, Artes e Ofícios, Arte Aplicada e Institutos Industriais e Comerciais do país, resolveram adiar para os dias 5 e 6 de Junho a realização das sessões do IV Congresso, em virtude de nos dias primeiramente marcados realizar-se em Braga o Congresso Mariano, o que lhes trazia dificuldades especialmente em alojamentos.

A Comissão Organizadora tem recebido várias adesões de escolas tanto de Lisboa, Póvoa e Braga como de Viana do Castelo, Coimbra, Caldas da Rainha, Tomar, Setúbal, Silves, etc., etc. Há vários trabalhos convertidos em teses entre as quais: «A sequência das Escolas Industriais com um ano complementar de especialização», «A deficiência de Material Didáctico», etc., etc.

A Comissão Organizadora que é presidida pelo sr. José Manuel Lopes da Costa tem como vogais os sr.ºs João Guilherme de Carvalho Duarte, Rogério Dias Pereira, Mantel dos Santos Ivo, António de Almeida Pereira, José Pinhão de Melo, Alberto Afonso Leite, António Gonçalves e Gaspar Fernando Simão de Macedo, respectivamente de Lisboa, Póvoa e Braga.

SOLIDARIEDADE

Pró-Pedro dos Santos (Pecquegueira)

Promovida por uma comissão de amigos realiza-se no próximo sábado, no Centro Escolar Dr. Magalhães Lima, largo do Salvador, uma grandiosa festa, cujo produto reverte em favor da companheira de Pedro dos Santos (Pecquegueira) que se encontra gravemente enferma.

O programa da festa, que principia às 20,30 horas, é o seguinte: 1.ª parte: Abertura por uma troupe de bandolinistas sob a direcção do sr. Carlos da Costa; canção nacional por António Lado, Raúl Pinto, Alfreido dos Santos, Manuel Ferreira, António Nobre e Manuel Portugal; variações pelo guitarrista Armando Freire (Armandinho) que será acompanhado pelo seu viola Manuel Gonçalves. 2.ª parte: Canção nacional por Armando Barata, Gerardo Baptista, Joaquim Campos, Vitorino Luís, Alberto Silva, Raul Jacob e Estanislau Cardoso; variações pelo guitarrista Américo dos Reis, seu viola José Mendes. 3.ª parte: Canções ao fado por Carlos Pitocero, Raúl Brinquel, Artur do Intendente, Ventura Barros, Júlio Proença, José Júlio e Mário Martins.

Foi entregue a António da Silva Vargas a quantia de 36 escudos, produto dumha subscrição tirada na Avenida da República. E como nas oficinas da mina exista de há muito tempo um antigo operário que, muito competentemente e a contento do pessoal, desempenha a função de mestre das referidas oficinas, o tal Körbörge tem procurado influir no espírito do administrador para que demita aquele que tem cometido o grande delito de, sem descurar os interesses da Empresa, ter mantido a mais absoluta harmonia entre os seus colegas.

A pesar de tudo, não é fácil atingir os fins a que visa o belga Körbörge, com as suas odiosas perseguições. Entretanto, bom será que os organismos operários de Aljustrel se vão prevenindo para enfrentar qualquer surpresa que porventura surja.

Vale bem mais prevenir... — E.

Horas fatais

Pela rua da Palma seguia ontem à tarde, num eléctrico, acompanhada pela família, indo a uma das janelas do veículo, a menor de 4 anos, Elisa Manuela Costa Guarinho Pinto Bandeira, residente na rua de Sapadores, 115, rez-de-chão. Ao passar próximo da Associação de Socorros Mútuos dos Empregados no Comércio e Indústria, encontrava-se estacionada uma carroça carregada de caixotes, e à passagem do carro por esta, a pobre criança bateu violentemente com a cabeça nos caixotes, ficando gravemente ferida. Conduzida imediatamente ao posto médico daquela Associação, foram ali ministrados os primeiros socorros, em quanto era requisitado para a Cruz Vermelha um automóvel no qual a ferida foi transportada ao hospital de São José, onde faleceu após a sua chegada. O cadáver foi removido para casa.

DESPORTOS

A prova pedestre de cinco quilómetros

Na prova pedestre organizada pelo Bem- fomoso Atlético Clube, no passado domingo, para a disputa da Taça «Reinaldo dos Santos», ficou classificada em primeiro lugar a «equipe» do clube promotor, que ficou detentor do trofeu.

A classificação pessoal dos corredores foi como se segue:

1.º prémio, Gil Maia; 2.º, Custódio Lopes; 3.º, António Carrilho; B. A. C.; 4.º, Aníbal Rodrigues, S. Pichelhera C.; 5.º, Rui Nunes, C. F. os Belenenses; 6.º, Armando Augusto, Relâmpago F. C.

A «equipe» do Penha Foot-Ball Clube ficou desclassificada.

SOCIEDADES DE RECREIO

Grupo União de Vilar Sêco. — Promovida pelo Grupo Excursionista União de Vilar Sêco, realiza-se no dia 20 do corrente no Grémio Beirão, pelas 21 horas, uma festa de caridade a favor das crianças e pobres mais necessitados da freguesia de Vilar Sêco, concelho de Nelas.

Subira à cena a peça «Os 20.000 dólares».

Terminada a récita seguir-se-há baile.

AGREMIAÇÕES VARIAS

Sociedade «A Voz do Operário». — Para continuar a discussão do regulamento interno dessa instituição reúne hoje, às 21 horas, a assembleia geral. Dada a importância do assunto é de esperar que compareça o maior número de sócios.

TEATRO DO GIMNÁSIO
Telef. C. 2314
HOJE
a linda comédia

O ROSARIO

de BISSON

Tradução de ACACIO DE PAIVA

Protagonista

PALMIRA BASTOS

No primacial papel masculino

TARQUINIO VIEIRA

Quinta-feira, 20: Festa artística de MERCEDES DE ALMEIDA

'A Batalha' na província e arredores

Mina de S. Domingos

Para que servem as festas...

MINA DE SÃO DOMINGOS, 16. — Segundo dizem alguns componentes da comissão das festas fanáticas ultimamente realizadas em Santana de Cambas, um tal sr. Barata que arquivou as *massas* retirou daí sem prestar contas, dizendo ainda os mesmos da comissão que aquele «Bicho Negro» arrecadou para cima de 2.000\$00. A Igreja a dignificar-se com tamanhos milagres...

Que tal a moral... dêstes religiosos representantes?

— Também nos informam que uma das melhores prendas oferecidas ao bazar das festas partiu do sr. Souto, administrador do concelho, e que este senhor acompanhou as festas com... fé de crente. Poderá que é ele democrático?

Proezas dum gerente da Empresa

Este gerente da Mina não pára na sua rota criminosa. Na sombra vai movendo forças perseguições aos seus operários. Vai torcendo a seu talante os dôces corações...

Que será?...!

O serviço dos correios nesta localidade está, como é vulgar dizer-se, «sob a capa da Empresa...» e o empregado é da empresa, havendo em silêncio quem proteste contra o seu empregado nos correios a entregar-lhe determinada correspondência... Se aquele gerente procedeu infamemente (e note-se que foi um dos melhores que aqui conhecemos) estes outros não terão procedido idênticamente? Por agora o nosso resumido protesto, pois estão a avolumar-se as nossas justificadas suspeitas por motivo da correspondência que afecta a criaturas da baixa moral em boas relações com a empresa, não vir à publicidade. Pelo menos esta não vai ao gabinete «negro»... — C.

SEIA

Julgamento

SEIA, 17. — Teve hoje lugar nesta comarca o julgamento de João Borges da Silva e da sua irmã Maria do Nascimento, autores da tragédia do Moinho do Buraco, de que foram vítimas à machadada o moleiro Zaranza e sua mulher, como ao tempo *A Batalha* noticiou. O João Borges foi condenado em 25 anos e a Nascimento em 12 — C.

Praia da Aguda

O mar agitado

ESPINHO, 13. — Mais uma vez a linda e vizinha praia da Aguda fa feito teatro de uma tragédia que lá custando a vida a cinco humildes e obscuros pescadores, que num trabalho violento e exaustivo, forçados pelas duras condições da vida dos pobres, lá vão, mar em fora, arrostar os perigos da sua arraçoada e, quase sempre, pouca lucrativa profissão.

Foi o caso que tendo saído para a pesca da sardinha a barco tripulado por Vitor Rodrigues Vite e mais quatro companheiros; de repente, uma vaga mais alta volta e submerge o barco, precipitando no abismo os pobres tripulantes.

Valeu-lhes o rápido e pronto socorro de outro barco tripulado pelo arraiano César Pinto Faustino, a cuja valorosa intervenção se deve o que nem termos agora a lamentar mais uma catástrofe... — C.

Sines

Um guarda fiscal que atenta contra sua própria filha

SINES, 17. — Mais um crime da gente que enverga farda a acrescentar aos que a *Batalha* tem já publicado: um soldado da guarda fiscal, desfazado nesta terra, albergou em sua casa uma pobre rapariguinha, filha de pai e mãe. Dir-se-ia que praticou uma boa ação, mas a infâmia que ele agora cometeu, vem totalmente desmentida.

O guarda fiscal desfazeu a sua infeliz hóspede, o que é já voz corrente nesta ilha. Não contente com esta infâmia ainda praticou outra e bem pior do que a primeira: desfazeu também sua própria filha, de 16 anos, que ficou ferida na cabeça e braço esquerdo e Maria da Conceição Alves, de 44 anos, vendeira ambulante, rua Martinho Vaz, 10, com ferimentos no rosto. Receberam curativo no banco do Hospital de São José e recobraram a casa.

O guarda fiscal será em face disto provado a cabo?

Secção Telegráfica

Comité Pró-Pré-sos por Questões Sociais. — Coimbra. — Roberto das Neves.

Recebemos a vossa carta e provas. Agracemos.

Federações

METALÚRGICA

S. U. Metalúrgico de Crestuma — Se

guedo expediente pedido no vosso ofício de 16 do corrente.

Incêndio

MARCO POSTAL

Pombal.—*José do Sacho.*—Recebemos vale do correio de 22\$50. Assinatura paga até 15 de Agosto, p. f. O semestre do suplemento custa 12\$00. Diga desde que dia deseja.

Garvão.—*Hipólito Jesus Sequeira.*—Recebemos 15\$00. Assinatura paga até 31 de corrente.

Panóias.—*António Gaspar.*—Recebemos 12\$50. *Renovação* paga até 1 de Junho e diário e suplemento até 18 do mesmo mês.

Aldeia dos Barros.—*José Amândio.*—Recebemos 9\$50. Assinatura paga até 3 de Abril, p. p.

Pavia.—*Associação dos Rurais.*—Recebemos 33\$00.

Santo Aleixo.—*José Paulo Lota.*—Recebemos 33\$00 para a *Renovação*. Pagou os dois números do corrente mês.

Beja.—*Armando de Jesus Silva.*—Recebemos 22\$00. Diário e suplemento pago até 30 de Abril e *Renovação* até 28 de Fevereiro, p. p.

AGENDA

CALENDÁRIO DE MAIO

T.	11	18	25	HOJE O SOL
Q.	12	19	26	Aparece às 5,21
Q.	13	20	27	Desaparece às 19,45
S.	14	21	28	1. G. dia 27 às 11,49
S.	15	22	29	Q.M. * 3 * 3,15
D.	16	23	30	L.N. * 3 * 22,55
S.	17	24	31	Q.C. * 3 * 17,48

MARES DE HOJE

Praiamar às 8,03 e às 8,40

Baixamar às 1,03 e às 1,33

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	—	—
Madrid cheque	2\$82	—
Paris, cheque...	559	—
Suíça	378	—
Bruxelas cheque	558	—
New-York	10\$55	—
Amsterdão	7586	—
Itália, cheque...	371,5	2\$90
Brasil	5524	—
Praga	276	—
Suécia, cheque	276	—
Austrália, cheque	4867	—

ESPECTÁCULOS

Teatro.—As 21—*Apollon, o bom rapaz.* São Luís.—As 21,15.—*Manzelle Nitouche.* Gimnasio.—As 21.—*Os Ráios.* Politeama.—As 21.—*Variedades.* Apolo.—As 21,45.—*Amor de perdiz.* Trindade.—As 21,15.—*Wu Li-Chang.* Coliseu dos Recreios.—As 21.—*Luta.* Benfica.—As 21,15.—*O Pão de Ló.* Maria Vitoria.—As 20,30,21,30.—*Foot-Ball.* Estrela, 10.—As 21.—*Variedades.* Joaquim de Almeida,—As 20,30,21,30.—*Fox-trot.* Cinema e il Vídeo (à Graça)—*Espectáculos as 3,45.* sábados e domingos com matinée. Lapa, Parque—Todas as noites. Concertos e divertimentos.

CINEMAS

Tivoli—*Olimpia*—Central—Condes—Chiado

Teatro—Ideal—Arco Bandeira—Promotora—Esperança

Torreão—*Cine Paris.*

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Serviço especial por motivo da FEIRA E TOURADAS — EM — VENDAS NOVAS

Nos dias 20 e 21 de Maio de 1926. Por este motivo realizar-se-há nos dias 20 e 21 do corrente um comboio especial de Vendas Novas a Setúbal com a seguinte marcha:

Vendas Novas, partida 21:00. Caia, chegadas: 21:30, Lavre, 21:45; São Torquato, 22:08; Quinta Grande, 22:36; Coruche, 22:40; Agolada, 23:24; Marinhas, 23:57; Muge, 0:11; Morgado, 0:31; Setúbal, 0:43. Lisboa, 14 de Maio de 1926.—O Director Geral da Companhia, *Ferreira de Mesquita.*

Alfaiataria do Carmo

DE David da Costa Relvas

Calçada do Carmo, 50 — LISBOA Fatos e Sobretudos para homens e senhoras, de boas fazendas e a preços baratinhos. Fazem-se com perfeição e elegância. Aceitam-se fatos a feito.

o aproximar-se da praça e tornar assim o ataque mais perigoso.

8 de Novembro de 1572—Hoje o exército católico, comandado pelo sr. de Biron, apareceu à vista da Rochela e tomou posição fora do alcance da nossa artilharia.

10-5-1926

12 de Novembro de 1572—O sr. de Biron recebeu reforços consideráveis e uma parte do material de cerco; aproximou-se da cidade e estabeleceu o seu campo em Santo André. O coronel Strozzi, um dos melhores oficiais do exército real, está em Puy Libourne; o coronel S. Martin, com mil e duzentos homens, em Gord; o coronel Goas em Rompsay, com seis companhias de infantaria; e o sr. du Guast, um dos favoritos do duque de Anjou (irmão do rei Carlos IX), está em Aytré com dois regimentos de soldados veteranos.

Nós já prevímos estas disposições do inimigo e a-fim-de que ele não pudesse ter como abrigo senão ruínas, os habitantes de Aytré tinham incendiado o burgo.

8 de Dezembro de 1572—O exército inimigo recebeu mais reforços e estende os seus quartéis. Aperfeiçoou-se o bloqueio. Todos os dias se travam rudes escaramuças entre nós e os realistas, no que eles perdem muita gente.

Confidados no número eles aventuraram-se a andar pelos vinhedos rodeados de muralhas e fossos ou por esse labirinto de caminhos mal traçados por sobre os poços de sal. Nós então ocultamo-nos atrás das árvores, no fundo dos fossos, entre os canaviais e os nossos arbustos dizimam os católicos. Se estes tentam persegui-los, caem nos abismos cobertos dumha herva verde que eles não sabem distinguir das campinas.

E uma guerra de embuscadas, semelhante à pa-trística luta que os armoricanos sustentavam nas suas charneças, poços e bosques, contra os soldados do filho de Carlos Magno, no tempo do nosso avô Vortigern.

13 de Dezembro de 1572—Travou-se ontem um

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Narciso—A's 6 horas.

Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar—4 horas.

Rins, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10 horas.

Doenças, sifilis—Dr. Correia Figueiredo—11 e às 5 horas.

Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—2 horas.

Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—2 horas.

Gengiva, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—12 horas.

Estômago e intestinos—Dr. Mendes Belo—5 horas.

Doenças das senhoras—Dr. Emílio Palva—2 horas.

Doenças das crianças—Dr. Filipe Manso—12 horas.

Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roma—5 horas.

Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 horas.

Câncer e rádio—Dr. Cabral de Melo—4 horas.

Raios X—Dr. Alvaro Salcedo—4 horas.

Analises—Dr. Gabriel Beato—4 horas.

Aldeia dos Barros.—*José Amândio.*—Recebemos 9\$50. Assinatura paga até 3 de Abril, p. p.

Pavia.—*Associação dos Rurais.*—Recebemos 33\$00.

Santo Aleixo.—*José Paulo Lota.*—Recebemos 33\$00 para a *Renovação*. Pagou os dois números do corrente mês.

Beja.—*Armando de Jesus Silva.*—Recebemos 22\$00. Diário e suplemento pago até 30 de Abril e *Renovação* até 28 de Fevereiro, p. p.

Garvão.—*Hipólito Jesus Sequeira.*—Recebemos 15\$00. Assinatura paga até 31 de corrente.

Panóias.—*António Gaspar.*—Recebemos 12\$50. *Renovação* paga até 1 de Junho e diário e suplemento até 18 do mesmo mês.

Aldeia dos Barros.—*José Amândio.*—Recebemos 9\$50. Assinatura paga até 3 de Abril, p. p.

Pavia.—*Associação dos Rurais.*—Recebemos 33\$00.

Santo Aleixo.—*José Paulo Lota.*—Recebemos 33\$00 para a *Renovação*. Pagou os dois números do corrente mês.

Beja.—*Armando de Jesus Silva.*—Recebemos 22\$00. Diário e suplemento pago até 30 de Abril e *Renovação* até 28 de Fevereiro, p. p.

Garvão.—*Hipólito Jesus Sequeira.*—Recebemos 15\$00. Assinatura paga até 31 de corrente.

Panóias.—*António Gaspar.*—Recebemos 12\$50. *Renovação* paga até 1 de Junho e diário e suplemento até 18 do mesmo mês.

Aldeia dos Barros.—*José Amândio.*—Recebemos 9\$50. Assinatura paga até 3 de Abril, p. p.

Pavia.—*Associação dos Rurais.*—Recebemos 33\$00.

Santo Aleixo.—*José Paulo Lota.*—Recebemos 33\$00 para a *Renovação*. Pagou os dois números do corrente mês.

Beja.—*Armando de Jesus Silva.*—Recebemos 22\$00. Diário e suplemento pago até 30 de Abril e *Renovação* até 28 de Fevereiro, p. p.

Garvão.—*Hipólito Jesus Sequeira.*—Recebemos 15\$00. Assinatura paga até 31 de corrente.

Panóias.—*António Gaspar.*—Recebemos 12\$50. *Renovação* paga até 1 de Junho e diário e suplemento até 18 do mesmo mês.

Aldeia dos Barros.—*José Amândio.*—Recebemos 9\$50. Assinatura paga até 3 de Abril, p. p.

Pavia.—*Associação dos Rurais.*—Recebemos 33\$00.

Santo Aleixo.—*José Paulo Lota.*—Recebemos 33\$00 para a *Renovação*. Pagou os dois números do corrente mês.

Beja.—*Armando de Jesus Silva.*—Recebemos 22\$00. Diário e suplemento pago até 30 de Abril e *Renovação* até 28 de Fevereiro, p. p.

Garvão.—*Hipólito Jesus Sequeira.*—Recebemos 15\$00. Assinatura paga até 31 de corrente.

Panóias.—*António Gaspar.*—Recebemos 12\$50. *Renovação* paga até 1 de Junho e diário e suplemento até 18 do mesmo mês.

Aldeia dos Barros.—*José Amândio.*—Recebemos 9\$50. Assinatura paga até 3 de Abril, p. p.

Pavia.—*Associação dos Rurais.*—Recebemos 33\$00.

Santo Aleixo.—*José Paulo Lota.*—Recebemos 33\$00 para a *Renovação*. Pagou os dois números do corrente mês.

Beja.—*Armando de Jesus Silva.*—Recebemos 22\$00. Diário e suplemento pago até 30 de Abril e *Renovação* até 28 de Fevereiro, p. p.

Garvão.—*Hipólito Jesus Sequeira.*—Recebemos 15\$00. Assinatura paga até 31 de corrente.

Panóias.—*António Gaspar.*—Recebemos 12\$50. *Renovação* paga até 1 de Junho e diário e suplemento até 18 do mesmo mês.

Aldeia dos Barros.—*José Amândio.*—Recebemos 9\$50. Assinatura paga até 3 de Abril, p. p.

Pavia.—*Associação dos Rurais.*—Recebemos 33\$00.

Santo Aleixo.—*José Paulo Lota.*—Recebemos 33\$00

A BATALHA

ATRÁVEZ DA ÁFRICA

Angola triste dos emigrantes e degredados

Os que dormem no hotel das estrelas e os que vivem nos cárceres de São Miguel—Mais uma leva de presidiários—Impõe-se a criação duma Liga de assistência aos colonos europeus

Um dos aspectos pouco agradáveis que, neste momento, oferecem alguns emigrantes portugueses que vieram para Angola, é a situação em que muitos se encontram, passando horas angustiadas, entre o desespero e a fome, devido à falta de trabalho ou colocação.

Há, efectivamente, no momento actual uma tremenda crise em Angola, que determinou o despedimento de muitos que estavam empregados, e que dificulta o arrumo dos que dão continuam a partir sem colocação.

Como despretencioso comentário, não deixarei de reparar que se metam trezentos europeus, embora condenados, entre as filas negras dos soldados indígenas, — por sinal marchando orgulhosamente, garbosamente, e levando através das ruas da cidade o branco criminoso e humilhado. Poder-se-iam, certamente, arranjar as coisas sem esse aparato bélico, desprestigiante, perfeitamente inútil e dispensável.

Não disto se fez, simplesmente porque não existe ministério das colónias!

Como despretencioso comentário, não deixarei de reparar que se metam trezentos europeus, embora condenados, entre as filas negras dos soldados indígenas, — por sinal marchando orgulhosamente, garbosamente, e levando através das ruas da cidade o branco criminoso e humilhado. Poder-se-iam, certamente, arranjar as coisas sem esse aparato bélico, desprestigiante, perfeitamente inútil e dispensável.

E' um caso sério, em que devo insistir, pelas consequências tristes de que se resulta e que mais duma vez aqui presenciei.

Deixar vir essa gente sem um contrato bem aceitado, à aventura, é crime ou loucura, sabendo-se, como se sabe, que nos últimos navios que regressaram à metrópole foram repatriados alguns infelizes em duras condições.

Por toda a parte onde tenho estado — em Lobito, no Huambo, em Benguela, Mossamedes e Huífa — por toda a parte em tenho encontrado rapazes novos sem trabalho, de olhos tristes, cara de febre e fome, ou vivendo da generosidade dos amigos. Quantos têm pessoas conhecidas ainda passam bem; quando não têm, vaguem pelas ruas, muitos dias sem comer, e dormem ao relento nos bancos das praças, nas gares das estações e no recanto dos corredores, e às vezes nos bancos dos jardins ao que elas chamam, num ar boêmio e triste, o «Hotel das Estrelas».

Há poucos dias, também, já aqui em Loanda, me foi dado assistir a um espetáculo cruel, inútil e confrangedor, censurável quer o encaramos sob o ponto de vista prático ou sentimental, e que bem exterioriza o estagnamento do ministério das Colónias. Quero referir-me ao desembarque dos degredados, essa massa informe, feita dos resíduos de todas as misérias, desventuras, injustiças e desgraças, ressaca trágica que as praias lusitanas imprimem de encontro a esta costa de África, e que aqui vem estoirar, como um soluço enorme, a lembrar-nos essa pútrida miséria que é o nosso sistema penal, de facto a melhor escola e autêntico viveiro do crime.

Em pleno dia, à luz d'este sol ardente e criador, eu vi deslizar, serenamente, sobre as águas azuis da baía, o barco que trazia a leva, e anotei, nervosamente, as impressões desse desembarque de 322 homens, 22 mulheres e 2 crianças — uns que vêm querer os restos algumas qualidades nessa horrível promissecia que fomenta o crime, outros que vêm estoirar de saudade e dôr sob o peso alguma grande vergonha ou injustiça, e quais todos em procura da loucura ou da morte, que é o caminho mais rápido a que conduz este retrogrado sistema penal.

Desembarcaram entre tropas, e passaram entre uma multidão de tódas as cōres que os olhava como animais de espécie rara. As mulheres não vinham na forma e algumas, estouvadas, logo começaram piadas picantes com um cabô negro; as que levavam crianças ao colo passaram tristes. Pense horrorizado na sorte daquelas crianças...

Dos homens vinham os velhos profissionais do crime, cicatrizes no rosto e braços tatuados; vinham rapazes novos, de olhos apagados, sem fitarem a multidão; vinha um de traje correcto e de olhos vidrados de lâminas, e um outro, pouco mais de dezoito anos, melecas negras, abraçado a uma guitarra...

Um espetáculo triste que nada reconfirma os portugueses que aqui estão.

Mas desvemos os olhos dessa leva trágica, muito mais triste ainda como a vimos, entre as hirtas baionetas das duas filas de soldados negros, a caminho dos muros de S. Miguel. Cortemos aqui o descriptivo nervoso dessa mancha impressionista que dá a uma violenta e soberba aqua-força, e analisemos o facto sob o aspecto civilizador que mais pode interessar à província de Angola.

Que veio fazer para aqui mais essa leva de trezentos e tal indivíduos, e em nome de que princípios e interesses os mandam para as colónias?

Porque cometem qualquer crime que implique a respectiva pena de degredo?

Mas degredar homens para uma colónia penal onde não existe um trabalho oficial, um agrícola devidamente organizado, sem ao menos se procurar seleccionar os mais susceptíveis de reabilitação, é uma monstruosidade que ataca a própria sociedade — porque serve para propagar e afiar a desigualdade, roubando ao indivíduo, que só acidentalmente foi criminoso, o sagrado direito que ele tem de procurar refazer a sua vida e de regressar o seu passado!

Para entregar esses desgraçados à morte lenta ou à podridão dum presídio, não precisava o Estado de gastar tanto dinheiro e os mandar tão longe, num cortejo sinistro e trágico que nada alegra os olhos dos que aqui lutam honestamente pela vida.

Se entre esses indivíduos alguns há, certamente, que se podem regenerar pelo trabalho, fora do ambiente doentio da masmorra, porque os não aproveita o Estado numa obra útil, inteligente e humana, muito mais digna do que antiguados sistemas pensa?

Se se consideram todos esses desgraçados indígenas do convívio metropolitano, como é que os vêm lançar numa colónia de primeira classe, onde abunda elemento europeu que tem direito à consideração?

E' essa a obra colonizadora e de civilização com que se pretende levantar as colónias?

Pode afirmar-se, sem contestação, que entre os indivíduos que desde velhos tempos para aqui vieram degredados, muitos se regeneraram totalmente, vindos a ser úteis

Informações sociais

Da Repartição Internacional do Trabalho, da Sociedade das Nações

NA AMÉRICA DO NORTE

Influência do maquinismo sobre a mão de obra

W. Riddell, conselheiro técnico canadense, publicou na *Revue Internationale du Travail*, um artigo sobre o desenvolvimento do maquinismo na agricultura, na América do Norte e no Canadá, e suas repercussões relacionadas com a mão de obra.

Afirmou o autor que o desenvolvimento considerável da utilização das forças animal e mecânica nos últimos trinta anos permitiu uma tal economia de trabalho humano que a produção na América do Norte superasse de duas a seis vezes a acusada nos países da Europa. Graças a este acréscimo do seu valor económico, o trabalhador agrícola recebe um bom salário e fazendo economias adquire propriedade; além disso a área cultivada e a produção total é muito importante.

No Canadá pelo recenseamento de 1921 o maquinismo agrícola tinha o valor de 605.180.146 dólares. Nos Estados Unidos em cinquenta anos, o número de máquinas multiplicou-se por treze, passando o seu valor de 270 milhões de dólares em 1870 para mais de trés bilhões e meio em 1920. Naturalmente o número das empresas agrícolas também aumentou de maneira considerável. Riddell termina: «A-pesar de tudo, no trabalho propriamente dito não há nada que enobreça. Trabalhar é somente um meio para um determinado fim, sim e-fato.

Se esse é o modo de ser alcançado com meios esforçados, todo o trabalho dispensado inutilmente para obter-lo, será estéril. Tal é a convicção do Americano do norte. Ele não vê nem virtude nem proveito no desperdício do esforço e acha que nenhum trabalho é admirável que não seja superfluo.

EM MALACA

Instrução das crianças

Sobre a instrução das crianças nos estabelecimentos do estreito de Malaca, elucida as *Informations Sociales*: — O ensino elementar é gratuito no idioma do país e obrigatório para malaios de sete a quatorze anos. Existem escolas chinesas e «stamulas» subvencionadas pelo Estado, e de frequência facultativa. Todo o patrão ocupando em suas terras, pelo menos, dez crianças de 7 a 14 anos, pode ser forçado pelo inspector escolar a construir e custear uma escola para essas crianças garantindo-se o curso dos professores. O governo também subvenciona estas escolas se pedem auxílio.

Cursos nocturnos «post escola» são igualmente subvencionados pelo Estado, e freqüentados por enorme número de jovens operários. Quasi todas as escolas inglesas e indígenas organizam cursos de formação profissional.

Horário de trabalho

Empregados no comércio

Com desusada concorrência, estando as salas e os corredores repletos, realizou-se ontem na rua da Graca, 162, 1.º-E., a 8.ª sessão, promovida pelo Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria.

Presidente Jorge Campelo, secretariado por Abramo Coimbra e José Pinheiro.

O presidente expôs os fins destas reuniões e faz várias considerações sobre a classe. Mario Pinto cai a fundo sobre a cobardia da classe que é a única culpada de não usufruir as regalias a que tem direito.

Está esperando que esta situação termine porque devido à ação deste Sindicato ou forneceu informações a qualquer jornalista.

Lamenta, entretanto, o que se está passando com as referidas caixas receptáculos, uma das principais regalias alcançadas pela classe dos carteiros, e, no que concerne ao assunto a que a imprensa tem ventilado, a sua respectiva direcção declara que nenhum dos seus membros entrevistou ou forneceu informações a qualquer jornalista.

Lamenta, entretanto, o que se está passando com as referidas caixas receptáculos, uma das principais regalias alcançadas pela classe dos carteiros, e, no que concerne ao assunto a que a imprensa tem ventilado, a sua respectiva direcção declara que nenhum dos seus membros entrevistou ou forneceu informações a qualquer jornalista.

Presidente expôs os fins destas reuniões e faz várias considerações sobre a classe. Mario Pinto cai a fundo sobre a cobardia da classe que é a única culpada de não usufruir as regalias a que tem direito.

Está esperando que esta situação termine porque devido à ação deste Sindicato ou forneceu informações a qualquer jornalista.

António Alves ataca a invasão das mulheres no comércio que tem contribuído extraordinariamente para a grande crise que a classe sofre.

Criticou o uso das carroças de mão, qualificando-a de aviltante e vexatório. Vicente Garcia também faz considerações sobre as mulheres e as carroças de mão. Carlos da Conceição faz uma evocação da grande luta das 10 horas de trabalho e lembra ao Sindicato que assim que terminou esta campanha das 8 horas, intensificou uma nova campanha sobre a situação do mulher no comércio.

António Rodrigues Pereira trata da desusada concorrência, estando as salas e os corredores repletos, realizou-se ontem na rua da Graca, 162, 1.º-E., a 8.ª sessão, promovida pelo Sindicato dos Empregados no Comércio e Indústria.

O presidente expôs os fins destas reuniões e faz várias considerações sobre a classe. Mario Pinto cai a fundo sobre a cobardia da classe que é a única culpada de não usufruir as regalias a que tem direito.

Está esperando que esta situação termine porque devido à ação deste Sindicato ou forneceu informações a qualquer jornalista.

Presidente expôs os fins destas reuniões e faz várias considerações sobre a classe. Mario Pinto cai a fundo sobre a cobardia da classe que é a única culpada de não usufruir as regalias a que tem direito.

Está esperando que esta situação termine porque devido à ação deste Sindicato ou forneceu informações a qualquer jornalista.

Presidente expôs os fins destas reuniões e faz várias considerações sobre a classe. Mario Pinto cai a fundo sobre a cobardia da classe que é a única culpada de não usufruir as regalias a que tem direito.

Está esperando que esta situação termine porque devido à ação deste Sindicato ou forneceu informações a qualquer jornalista.

Presidente expôs os fins destas reuniões e faz várias considerações sobre a classe. Mario Pinto cai a fundo sobre a cobardia da classe que é a única culpada de não usufruir as regalias a que tem direito.

Está esperando que esta situação termine porque devido à ação deste Sindicato ou forneceu informações a qualquer jornalista.

Presidente expôs os fins destas reuniões e faz várias considerações sobre a classe. Mario Pinto cai a fundo sobre a cobardia da classe que é a única culpada de não usufruir as regalias a que tem direito.

Está esperando que esta situação termine porque devido à ação deste Sindicato ou forneceu informações a qualquer jornalista.

Presidente expôs os fins destas reuniões e faz várias considerações sobre a classe. Mario Pinto cai a fundo sobre a cobardia da classe que é a única culpada de não usufruir as regalias a que tem direito.

Está esperando que esta situação termine porque devido à ação deste Sindicato ou forneceu informações a qualquer jornalista.

Presidente expôs os fins destas reuniões e faz várias considerações sobre a classe. Mario Pinto cai a fundo sobre a cobardia da classe que é a única culpada de não usufruir as regalias a que tem direito.

Está esperando que esta situação termine porque devido à ação deste Sindicato ou forneceu informações a qualquer jornalista.

Presidente expôs os fins destas reuniões e faz várias considerações sobre a classe. Mario Pinto cai a fundo sobre a cobardia da classe que é a única culpada de não usufruir as regalias a que tem direito.

Está esperando que esta situação termine porque devido à ação deste Sindicato ou forneceu informações a qualquer jornalista.

Presidente expôs os fins destas reuniões e faz várias considerações sobre a classe. Mario Pinto cai a fundo sobre a cobardia da classe que é a única culpada de não usufruir as regalias a que tem direito.

Está esperando que esta situação termine porque devido à ação deste Sindicato ou forneceu informações a qualquer jornalista.

Presidente expôs os fins destas reuniões e faz várias considerações sobre a classe. Mario Pinto cai a fundo sobre a cobardia da classe que é a única culpada de não usufruir as regalias a que tem direito.

Está esperando que esta situação termine porque devido à ação deste Sindicato ou forneceu informações a qualquer jornalista.

Presidente expôs os fins destas reuniões e faz várias considerações sobre a classe. Mario Pinto cai a fundo sobre a cobardia da classe que é a única culpada de não usufruir as regalias a que tem direito.

Está esperando que esta situação termine porque devido à ação deste Sindicato ou forneceu informações a qualquer jornalista.

Presidente expôs os fins destas reuniões e faz várias considerações sobre a classe. Mario Pinto cai a fundo sobre a cobardia da classe que é a única culpada de não usufruir as regalias a que tem direito.

Está esperando que esta situação termine porque devido à ação deste Sindicato ou forneceu informações a qualquer jornalista.

Presidente expôs os fins destas reuniões e faz várias considerações sobre a classe. Mario Pinto cai a fundo sobre a cobardia da classe que é a única culpada de não usufruir as regalias a que tem direito.

Está esperando que esta situação termine porque devido à ação deste Sindicato ou forneceu informações a qualquer jornalista.

Presidente expôs os fins destas reuniões e faz várias considerações sobre a classe. Mario Pinto cai a fundo sobre a cobardia da classe que é a única culpada de não usufruir as regalias a que tem direito.

Está esperando que esta situação termine porque devido à ação deste Sindicato ou forneceu informações a qualquer jornalista.

Presidente expôs os fins destas reuniões e faz várias considerações sobre a classe. Mario Pinto cai a fundo sobre a cobardia da classe que é a única culpada de não usufruir as regalias a que tem direito.

Está esperando que esta situação termine porque devido à ação deste Sindicato ou forneceu informações a qualquer jornalista.

Presidente expôs os fins destas reuniões e faz várias considerações sobre a classe. Mario Pinto cai a fundo sobre a cobardia da classe que é a única culpada de não usufruir as regalias a que tem direito.

Está esperando que esta situação termine porque devido à ação deste Sindicato ou forneceu informações a qualquer jornalista.

Presidente expôs os fins destas reuniões e faz várias considerações sobre a classe. Mario Pinto cai a fundo sobre a cobardia da classe que é a única culpada de não usufruir as regalias a que tem direito.

Está esperando que esta situação termine porque devido à ação deste Sindicato ou forneceu informações a qualquer jornalista.

Presidente expôs os fins destas reuniões e faz várias considerações sobre a classe. Mario Pinto cai a fundo sobre a cobardia da classe que é a única culpada de não usufruir as regalias a que tem direito.

Está esperando que esta situação termine porque devido à ação deste Sindicato ou forneceu informações a qualquer jornalista.

Presidente expôs os fins destas reuniões e faz várias considerações sobre a classe. Mario Pinto cai a fundo sobre a cobardia da classe que é a única culpada de não usufruir as regalias a que tem direito.

Está esperando que esta situação termine porque devido